

**Paisagens da Fé:  
a cidade de Oeiras ontem e hoje no roteiro religioso piauiense (1859/2008)<sup>1</sup>**

Ariane dos Santos Lima\*  
Áurea da Paz Pinheiro\*\*

Pelas sete horas da noite da quinta-feira da Semana da Paixão, que é a anterior a semana santa, será a imagem do Senhor Bom Jesus dos passos levada pelos irmãos, e mais fiéis de sua Capela para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, onde ficará depositada com toda a decência, e guardada pelos irmãos na forma da Pauta, feita pelo respectivo secretário, até à tarde do dia seguinte, quando se celebrará a procissão com a maior solenidade, que for possível, a que assistirão todos os Irmãos com seus Balandraus roxos; e o Provedor com vara. [LEI 481, 1859]

Os desejos devocionais da comunidade de Oeiras, no Piauí, estão revelados desde meados do século XIX. Os irmãos são orientados a seguirem os ritos da procissão solene em honra ao Senhor Bom Jesus dos Passos. A Celebração ainda compõe o calendário religioso da cidade, valores e costumes são ressignificados e atestam permanências das relações dos devotos com o sagrado. A Procissão de Bom Jesus dos Passos nos permite buscar sentimentos de devoção vivenciados pelos piauienses durante o século XIX e que permanecem nos dias de hoje. Entendemos que a construção do saber histórico não está somente na busca do passado pelo passado, mas de uma História que estabelece uma ligação com o presente, capaz de dizer sobre muito do que somos hoje.

Uma celebração que ocorre na primeira capital do Piauí, Oeiras, nos permite pensar a fé e a devoção em uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 2006) “[...] a comunidade trás pra si a denominação de ‘Oeiras a capital da fé’, a população se auto-representa tradicional, com marcas de um tradicionalismo que se reflete nas interações

---

<sup>1</sup> Texto produzido no contexto do Projeto de Pesquisa “Por entre rezas, procissões e enterros: o universo sócio-cultural das irmandades católicas no Piauí”. O produto final se materializará em dissertação de Mestrado do Programa de Pós- graduação em História do Brasil – UFPI.

\* Mestranda em História - Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Federal do Piauí. Bolsista Capes e Membro do Grupo de Pesquisa “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural.” E-mail: limaariane88@gmail.com.

\*\* Doutora em História, Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil/UFPI; Líder do Grupo de Pesquisa “Memória, Ensino e Patrimônio Cultural e Orientadora da Pesquisa. E-mail: aureapazpinheiro@gmail.com

sociais conjugadas nos afazeres da fé e devoção” (LIMA, 2010:52). Desse modo, o objetivo deste texto é, tomando com referência a Procissão do Bom Jesus dos Passos, refletir acerca do sentimento religioso, bem como a oportunizar articulações sobre os sentidos impressos na tradição do espaço tornado sagrado pelos fiéis em Oeiras.

### *Oeiras a capital da fé*

Nenhuma cidade é portuguesamente brasileira se não nasce em derredor de uma igreja, esse é um traço marcante de países colonizados pelos reinos católicos ibéricos, Oeiras não poderia ser diferente, a construção social da cidade traz as marcas profundas da igreja católica na vida do seu povo daí, na contemporaneidade, receber o título de Capital da Fé. (CARVALHO JUNIOR, 2004: 29)

No século XVII, com a colonização portuguesa e concepções religiosas católicas foi criada a cidade Oeiras. De forma mais específica a povoação nasceu sob signo das Bandeiras, no período da expansão da colonização para o interior. No comando dos bandeirantes estava Domingos Jorge Velho e Domingos Afonso Mafrense, que adentraram as terras do “sertão de dentro”. Este último instalou a primeira fazenda de gado – Cabrobó – à margem direita do Riacho Mocha, afluente do rio Canindé, seriam as primeiras estradas do “sertão de rodela”. (NUNES, 2007:83-106). A presença portuguesa não foi sentida apenas na busca de ouro ou de escravos, objetivos das bandeiras, mas também pela necessidade de arrebataram almas para a Igreja Católica diante do avanço do protestantismo na Europa. Assim, a constituição do Piauí ocorre por meio das criações de gado e das orações empreendidas pelos padres jesuítas no comando da evangelização.

Não se assistiu no Piauí a implementação de um catolicismo doutrinário. Ainda que as Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, de 1707, propusessem um projeto de reforma dos costumes na tentativa de difundir as diretrizes tridentinas para colônia portuguesa, houve uma inexpressiva ação de um clero capaz de transmitir a reforma ultramontana.

A criação do bispado no Piauí só se efetivou na primeira década do século XX. (PINHEIRO, 2001), o que contribuiu para uma conjuntura marcada por uma pequena obediência às autoridades eclesiásticas. Era significativa a autonomia e o poder dos leigos diante das autoridades civis e eclesiásticas no território piauiense, populações

desassistidas, sem atenção diocesana. Ambientava-se, portanto, um espaço livre para costumes pouco ortodoxos. Assim, em contexto de alargada autonomia da população, o Piauí teria firmado suas raízes religiosas em forma de um catolicismo não doutrinário, mas devocional.

Desse modo, as expressões de devocionismo, os sete dias do terço quando um conhecido falecia, as novenas de Nossa Senhora no mês de maio, as peregrinações para entrega de ex-votos por alguma graça alcançada, o verti-se de marrom em homenagem à São Francisco e branco e azul no mês de maio em honra à Nossa Senhora, as peregrinações a Canindé e Santa Cruz dos Milagres, os festejos do Divino Espírito Santo, os lindíssimos oratórios e altares domésticos e a Procissão do Bom Jesus dos Passos revelam um sentimento religioso presente no Piauí desde a colonização, marcas contemporâneas da forte tradição religiosa. Grupos religiosos pautados na espiritualidade. Percebemos uma tradição religiosa que se estende do início do povoamento do Piauí [século XVII] à atualidade, marcas de permanências e [re] significações.

Analisamos as expressões religiosas a partir da perspectiva de tempo apresentada pelos *Annales*, marcada por dialéticas das durações, onde o estudo dos sentimentos religiosos necessitam de um olhar fixo na longa duração. A tentativa não é analisar o sentimento de devoção enquanto amalgama de uma coletividade determinante. As subjetividades podem ser avistadas na medida em que as experiências compartilham de traços individuais e dessa forma as vivências transformam-se e se [re] significam nas temporalidades e espaços, em um tempo longo.

Assim, o interesse é perceber como se constrói a tradição religiosa presente na história do Piauí tomando como referência e objeto de estudo a Procissão do Bom Jesus dos Passos.

#### *Por meio dos laços da tradição*

Em suas ruas e esquinas, igrejas, residências, construções seculares, na íntima relação entre tradição, devoção e os significados forjados pela a Procissão do Bom Jesus dos Passos alcançamos seus sentidos impressos no tempo e no espaço. Sentimentos que

guardam a memória do lugar e que simbolizam a construção de um teatro da memória resguardado na tradição.

A população de Oeiras mantém tradições seculares, marcadas por contínuas reinvenções, vistas por sua gente como forma de manter viva as memória ancestrais, a cultura religiosa presente nos afazeres de fé e devoção, memória presente nos tempos atuais, que remontam aos tempos que nos remetem à colonização.

O termo tradição é recorrente no que se refere à celebração que pretendo analisar. O que significa estudar uma tradição? Analisar o tradicional seria transitar por entre as chamadas sociedades de tempo lento, herdeiras de um “passado” diferente das sociedades atuais, de ritmo acelerado, ou de outro modo, o estabelecimento das diferenças entre os elementos das sociedades tradicionais e contemporâneas, ou ainda, a possibilidade de explicitar como a tradição pode revelar momentos simultâneos da história do “novo” e do “tradicional” em suas poliédricas e contínuas perspectivas.

O estudo das práticas tradicionais atinge um sentido amplo, que vai além da busca de transmissão de valores de geração a geração, mas de uma compreensão que estabelece diálogos com o contemporâneo. Assim, tradição não é concebida como oposto de moderno, tal concepção revela que as práticas religiosas dos piauienses de Oeiras no século XIX possuem vínculos com os do século XXI.

Desse modo, nos afastaríamos da concepção evolucionista e linear em que o tradicional é uma fase que implica na modernidade. E ainda que tais elementos tradicionais não são tomados por espécie de temporalidade de não-lugar, um tempo que não é das sociedades do século XIX e também não o tempo do século XXI.

Tradição não é sinônimo de passado ou mesmo restos desse passado, fadado ao desaparecimento. Estabelecemos que a tradição é vínculo forte através do qual a sociedade de hoje estabelece diálogo com as sociedades anteriores de natureza complexa, onde a relação estabelecida constrói um movimento que comporta as permanências e rupturas. É por esta razão que a ruptura e a permanência constituem, igualmente, dimensões conciliadoras do objeto de estudo em questão.

Para Eric Hobsbawn, uma tradição inventada, constitui “[...] conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas ao comportamento através da

repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado”. (1984:09)

A nossa pretensão é falar de uma invenção da tradição e da mesma forma refletir sobre a sua reinvenção, entendida aqui como o processo através do qual os diferentes grupos sociais se apropriam dela, inscrevendo-lhe novos significados, no interior do palco das relações sociais.

### *A procissão do Senhor Bom Jesus*

Celebração que delinea relações sociais, que marca identidades na comunidade. Apresento a Procissão do Bom Jesus a partir de duas perspectivas. Procuo descrevê-la, tomo como referência o Compromisso da Confraria do Senhor Bom Jesus dos Passos, de 1959, e pesquisa realizada pelas pesquisadoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, que apresentam em seus trabalhos atualidade do rito, mas precisamente da celebração de 2008.<sup>2</sup> O nosso propósito é descrever e interpretar a celebração numa perspectiva comparada tomando os elementos da Procissão de ontem (1859) e de hoje (2008), avaliando suas permanências e rupturas.

No dia 10 setembro de 1859, a Confraria do Bom Jesus dos Passos instucionalizou seu compromisso de forma oficial. As regras estabelecidas assumiram forte mecanismo de poder, pois nele estava firmado como cada membro deveria proceder, obedecendo principalmente as hierarquias. Desse modo, julgamos melhor estabelecer a leitura da fonte, enquanto dispositivo de implementação de uma forma de ritualizar a vida religiosa, de construir uma norma comum a todos e assim fortalecer a existência do grupo.

O compromisso do Bom Jesus dos Passos conta com 26 capítulos, cada um deles especifica desde a forma de acesso à confraria, às disposições funcionais de cada membro. Os grandes temas do compromisso estão ligados à garantia da Festa em homenagem ao santo padroeiro [Bom Jesus dos Passos], ao auxílio aos funerais, ao

---

<sup>2</sup> Cf.: livro “*Celebrações*”, produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco, e Documentário Etnográfico “*Passos de Oeiras*”, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro/Minc/IPHAN/ETNODOC, Petrobras.

gerenciamento da arrecadação de recursos, bem como aplicações nas atividades religiosas.

A Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória de Oeiras é uma associação religiosa, composta de pessoas de ambos os sexos, com tanto que tenham uma decência subsistência, bons costumes, e professem a Religião Católica. (LEI, 481, 1859).

As formas de admissão na agremiação se dava por meio de apresentação por qualquer irmão, cabendo `a mesa aprovar a indicação, ou convite para participar da irmandade. A assinatura do termo de admissão era realizado pelo confrade, eram firmados os ônus e bônus que a agremiação proporcionaria ao novo irmão.

O documento, capítulo 2, estipulava que o valor da entrada, ou como era chamado “jóias” era livre, no entanto não podia ser inferior ao valor de cinco mil reis, posteriormente o irmão passaria a pagar anualmente a quantia de mil reis. A jóia recebia representava o sentido de doação, de ajuda, de um presente, uma pequena contribuição em prol de uma causa maior. Na confraria do Senhor Bom Jesus dos Passos, os recursos oriundos das jóias de entrada eram exclusivos para a compra das alfaias, concertos e anseio da capela e sacristia.

Podemos perceber que o principal meio de acesso às benesses da Confraria era dispor de certa quantia, valor que nem todos possuíam, o que infere um fator de distinção social, a participação na Confraria não dependia necessariamente da vontade do devoto, era necessário fazer parte de um grupo social distinto ou que se pretendesse distinto.

Todos os anos na Dominga in albis<sup>3</sup> se reunirão os Irmãos em Mesa na Sacristia da Confraria para se elegerem um Provedor, dois definidores; quatro mordomos, um procurador, um secretário, um zelador, um andador, e os necessários Irmãos que devem armar os Passos, havendo a preparação do primeiro Passo e a sétimo de ser incumbida a dois Irmãos. Também haverá Mesa no dia 31 de Dezembro de todos os anos para resolver-se a respeito da Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos e todas as vezes que convier ao bem da Irmandade; para haver Mesa é necessário que pelo menos se reunão doze Irmãos, e qualquer deliberação será tomada por maioria de votos dos Irmãos presentes. (LEI 481, 1859)

---

<sup>3</sup> “O domingo depois da páscoa era sempre conhecido como o “Domingo in albis”, ou o domingo branco, já que neste dia os batizados da noite de páscoa, abandonavam a veste branca que estavam usando desde a grande noite do batismo”. Disponível em <http://www.mitranh.org.br>. Acesso em 10.dez.2010.

A principal atividade da Confraria era “Armar aos passos”, ou seja, preparar em todos os detalhes ritualísticos a procissão em honra ao Senhor Bom Jesus dos Passos. O compromisso definia o rito a ser seguido pelos irmãos responsáveis em “armar os passos”. A celebração acontece sempre na sexta-feira anterior a Sexta - feira Santa da Paixão de Cristo. A celebração é concebida pela população como maior elemento da fé e da tradição.

Durante o período que antecede a Semana Santa, a velha Mocha, assume a cor do Bom Jesus, que na liturgia católica representa a cor do luto e da penitência em rememoração à dor de Cristo na crucificação. Os devotos ornaram suas residências, prédios públicos com as flores de Passo<sup>4</sup> e com ornamentos nos tons que se remetem a devoção ao Bom Jesus. No tempo das irmandades os tons de roxo do Bom Jesus eram estampados nas características vestes das irmandades os balandraus<sup>5</sup>, “quando se celebrará a procissão com a maior solenidade, que for possível, a que assistirão todos os Irmãos com seus Balandraus roxos; e o Provedor com vara.”(Lei 481, 1859)

Atualmente nos dias que antecedem a celebração, a população não mais se utiliza dos balandraus roxos. No entanto, as suas vestimentas cotidianas ganham uma única cor, o roxo do Bom Jesus. Alguns devotos veste-se de túnicas roxas, semelhantes aos hábitos franciscanos. Marcam em seu próprio corpo a cor da penitência, com intenção votiva, o vestir – se de roxo simboliza a busca de uma graça ou o agradecimento ao desejo atendido.

É necessário ir além do sentimento interior de devoção, é preciso que o grupo que se está inserido visualize a sua fé. Fé e devoção manifestam-se em sua dimensão imaterial. Por um lado essa imaterialidade sempre procura suporte que as tornem palpáveis. Nesse caso, a marca da busca pela materialidade da fé está presente no próprio corpo do devoto. A insígnia da devoção está presente não somente na veste roxa, mas nos ex-votos, na flor de passo, na pedra sobre a cabeça e nos pés descalços.

A imagem do Bom Jesus na manhã da quinta-feira que antecede a Semana Santa prepara-se para procissão da fugida às dezenove horas. Somente os homens

---

<sup>4</sup> Flores de papel produzidas por senhoras da comunidade. O devoto acredita que levar para casa uma flor de Passo benta durante a procissão a sua residência estará protegida.

<sup>5</sup> “Significado de Balandraus S.m. Opa que usam os membros de certas irmandades religiosas. Casaco largo e comprido. Ant. Vestimenta de capuz e mangas largas. Bras. (NE) Sobrecasaca.” C.f DICIONÁRIO da língua portuguesa. Disponível <<http://www.dicio.com.br/balandrau/>> Acesso:10.NOV.2010.

participam desse momento. Devotos assíduos dos afazeres religiosos, aqueles pertencentes à comunidade afetiva trocam as vestes do Bom Jesus. A comunidade não permite que turistas participem desse momento importante para comunidade. Certamente na tentativa de não esvaziar o sentimento religioso e escapar do espaço profano criado por visitantes.

Em outro espaço a imagem de Nossa Senhora é preparada pelas senhoras da comunidade, ditas “as mulheres de respeito da comunidade” (PINHEIRO, 2008). Esses preparativos da celebração indicam os papéis típicos de sociedade marcadamente tradicional onde homens e mulheres desempenham funções e compartilham espaços diferentes obedecendo a valores marcados por uma moral social e religiosa formatando as questões de gênero.

Nos século XIX a responsabilidade de preparar a Procissão ficava da Confraria do Senhor Bom Jesus dos Passos.

Todos os anos na Dominga in Albis se reunirão os Irmãos em Mesa na Sacristia da Confraria para se elegerem um Provedor, dois definidores; quatro mordomos, um procurador, um secretário, um zelador, um andador, e os necessários Irmãos que devem armar os Passos, havendo a preparação do primeiro Passo ao sétimo de ser incumbida a dois Irmãos. Também haverá Mesa no dia 31 de Dezembro de todos os anos para resolver-se a respeito da Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos e todas as vezes que convier ao bem da Irmandade; para haver Mesa é necessário que pelo menos se reúna doze Irmãos, e qualquer deliberação será tomada por maioria de votos dos Irmãos presentes.

A imagem de Bom Jesus segue coberta com cortinas roxas que revestem o andor, é levada, em procissão “em profundo silêncio apenas interrompida por orações e cantos de lamentos”, até Igreja de Nossa senhora do Rosário. Durante toda a noite a imagem do Senhor Bom Jesus, ornado com a flor de passos e o alecrim, é visitada a que se segue uma vigília por entre orações individuais e coletivas. Esse momento da procissão se faz assim descrito nas memórias dos oeirenses. No entanto, o silêncio não é percebido em sua plenitude, existem devotos contritos, outros percorrem as ruas de Oeiras em meio a longas conversas no reencontro que a celebração permite – amigos se reencontram. O que se revive, se presentifica no ritual e a lembrança que tenta forjar um ambiente de plena coesão devocional.

Esse momento do rito, que antecede o dia da Procissão de Passos, já estava prescrito no compromisso do século XIX. Elemento importante nesse momento é a



participação da Igreja do Rosário [construída para a população escrava ainda no século XVIII] em uma celebração organizada pela Irmandade de Brancos. Não sabemos ao certo como se efetivou a participação do templo da população escrava do Rosário, sabemos que brancos e negros compartilhavam do mesmo espaço, mas um espaço marcado, hierarquizado, o lugar de cada um na procissão obedecia o *status* social que a Irmandade compartilhava.

Atualmente, ainda concebemos a Igreja do Rosário eminentemente como espaço da população afro-descendente da Cidade de Oeiras, a Igreja continua a ser freqüentada por populações negras, as celebrações são marcadas pela presença do ritmo dos tambores, principal elemento de percussão nas celebrações católicas do Rosário e permitem a continuidade da tradição da Procissão dos Passos.

A sexta feira que antecede a Sexta da Paixão segue então uma via sacra em estilo português pelas ruas, onde a cada passo equivale a duas estações da via sacra, Procissão do Bom Jesus dos Passos. Segundo a historiadora Áurea Pinheiro, a procissão hoje representa uma das mais significativas manifestações de fé no Estado do Piauí, dela participam milhares de devotos, em uma via-sacra “em estilo português, os devotos representam de forma dramática os passos de Jesus Cristo, desde a sua prisão pelos soldados romanos até o momento de sua crucificação.” (PINHEIRO; MOURA, 2008).

Ao tomar como referência a descrição que a historiadora faz da atualidade do rito e o compromisso no XIX, podemos compreender que as formas de conceber a procissão ao Bom Jesus dos Passos consiste em tradição herdada pelos oeirenses.

Não existem mais as Confrarias, os irmãos confrades, que “armavam os passos”. Esses foram substituídos pelos católicos da cidade, filhos das mais tradicionais famílias. Não vivem organizados em Confrarias tal como os devotos do Bom Jesus de outrora, mas guardam o trabalho em comunidade em nome da tradição e da fé herdada.

Maurice Halbwachs de forma pertinente nos alerta de que espaços nos imprime significados, lembrados ou esquecidos. O ambiente material aciona significados que somente um grupo de indivíduos específicos alcança. Como se os praticantes daquele espaço em si possuíssem códigos de acesso aos significados incorporados ao espaço. (HALBWABS, 2006) Se o espaço guarda a lembrança do vivido coletivamente, espaço tradicionalmente praticado pelos ancestrais. Também buscam resignificações dos

espaços de sociabilidades e de pertença na atualização do rito e sendo assim constituição de memória trabalho, memória viva.

Desse modo, é necessário analisar o sentimento religioso para além de seus efeitos superficiais. É importante verificar os gestos de reinvenção da vivência dos rituais que esboçam. A celebração no interior da comunidade de Oeiras 'e indispensável `a vida cotidiana do devoto. Os ritos presentificam a fe dos devotos, falam e revelam sentidos, imprimem significados, marcam silêncios, rompem o esfacelamento dos sentimentos tradicionais e restabelecem o lanço de tradição que constituem suas identidades.

A Celebração assume como vestígio aquilo que permanece de uma serie de ritos que os devotos precisavam e que já se encontram nas experiências juvenis. A Procissão se mantém viva, um limite de possibilidade para existir, um lugar possível para experienciar, um lugar de devoção.

A celebração permite sair do cotidiano, em um trajeto que reinventa lugares comuns e encontra o espaço sagrado, outras sensações de mundo. Os devotos saem das tarefas corriqueiras, do cotidiano e de suas lógica sociais, o sentimento é solitário, solidário, mas também coletivo, os altares domésticos são substituídos por espaços sagrados. O momento 'e de celebrar o santo de devoção.

Assim, o pesquisador se dá conta que os momentos experienciados pelos milhares de devotos estabelecem a sensação que não há um só caminho de interpretação de suas práticas . A vida lhes é plural , rica de redes e de sentidos e sensações ; de linhas que se cruzam que as vezes se embaralham e outras iluminam.

O desafio - reconhecer as multiplicidades e respeitá-las. Assinalá-las, sublinhá-las não só através de discursos orais e escritos , mas no corpo, nos gestos, associando sentidos e elementos para empreender e realizar uma leitura atenta dos deveres de ofício do historiador.

### *Considerações Finais*

Os ritos religiosos estabelecem signos indispensáveis a uma estrutura simbólica que lhe dá sentido e que estabelece na prática dos sujeitos a capacidade de atuarem

segundo certos códigos que se caracterizam em uma referência à identidade e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade.

A partir dessa concepção e tendo em vista a singularidade dessa manifestação cultural e sua representatividade para a formação das sensibilidades religiosas no Piauí atestamos que tradição, desde o século XIX atualiza a devoção de uma população que se aproxima do sagrado.

A celebração do Bom Jesus e para os oeienses importante elemento que forja as identidades não somente ligados às devoções, mas identidades exteriores a prática religiosa.

A união da perspectiva comparativa de dois momentos do rito permitiu uma tentativa de interpretação da manifestação, a atribuição de significados e possibilitam descrição e decodificação dos componentes que dão sentido ao objeto estudado, facilitando o emprego de uma interpretação dos elementos simbólicos – ritos, adornos, vestuários, músicas, movimentos, expressões que o configuram a ambiência social e sua constituição ao longo do tempo.

Para efeito de conclusão, a Procissão do Senhor Bom Jesus dos Passos se revelou marcada por permanências. O rito na atualidade como um todo se revela próximo do prescrito pela confraria durante o século XIX. Nesse caso, considera-se que a descrição e análise da Procissão dos Passos é um elemento importante para a construção de um saber que se relaciona com a história, a tradição e as práticas culturais. O destaque - as permanências.

A perspectiva comparava dos dois momentos do rito nos levou uma tradição marcada por semelhanças. Um rito de ontem atualizado, o que nos sugere um trabalho de invenção da tradição, que nos apresenta como viva, reinventada, que permite a continuidade do rito e o sentimento de pertença. O ritual em linhas gerais pouco mudou. No entanto, se utiliza, mesmo que de forma sutil, movimentos que garantem sentimento de pertencimento que conferem continuidade a tradição. Uma transmissão de comportamentos e de modos de vida, onde ser devoto imprime uma ritualização na manifestação da fé que carregava as marcas identitárias dos seus praticantes.

Este estudo ao tomar como referencia a Procissão do Bom Jesus dos Passos e refletir acerca do sentimento religioso presente nessa manifestação religiosa, os sentidos

impressos por meio da tradição no espaço de Oeiras, nos encaminha a análises futuras que visam historicizar a tradição religiosa na história do Piauí.

#### *Fontes*

##### Lei

LEI 481, publicada em 10 de setembro de 1859, que aprovou o compromisso da confraria do Bom Jesus dos Passos da cidade de Oeiras. Acervo do Arquivo Público do Piauí.

#### *Referencias Bibliográficas*

BRANDÃO, T.. *A Religiosidade no Piauí: Catolicismo* Adaptado ao modo de vida. Clio Série do Nordeste n. 22, [-20]s/d.

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural* . São Leopoldo: Unissinos, 2003.

CARVALHO JUNIOR, Dagoberto Ferreira de. *Passeio a Oeiras*.5.Ed. Recife:Editora Tomes, 2004.

DUPRONT, Alphose. Antropologia Religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: Novas abordagens*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976. p. 86.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

HOBBSAWN, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p.09

LIMA, Ariane Santos. Devoção Negra nas irmandades católicas no Piauí do século XIX. In: PINHEIRO, Áurea; PELEGRINI, Sandra. *Tempo, Memória e Patrimônio Cultural*. Teresina: EDUFPI,2010,p.311-336.

NUNES, Odilon. *Pesquisa para História do Piauí*.Vol1. Teresina:FUNADEPI;Fund.Mons. Chaves, 2007.

PINHEIRO, Áurea. *Passos de Oeiras*. Documentário Etnográfico. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro/Minc/IPHAN/ETNODOC, Petrobras, 2008.

\_\_\_\_\_. Áurea;MOURA, Cássia. *Celebrações*. Teresina: Educar artes e ofícios, 2009. Livro produzido via edital do Programa Monumenta/Iphan, do Ministério da Cultura, com financiamento do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e apoio técnico da Unesco.

PINHEIRO, Áurea Paz. *As Ciladas do Inimigo: As tensões entre clericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX*. Teresina:Fundação Monsenhor Chaves,2001.

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades, Igreja e Devoção no Sul do Império do Brasil*. São Leopoldo:Oikos,2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.